

A qualidade dos relacionamentos interpessoais com os amigos: adaptação e validação do *Quality of Relationships Inventory* (QRI) numa amostra de estudantes do ensino superior

Catarina Isabel Carvalho Neves

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra

Maria do Rosário Moura Pinheiro

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra

Resumo

Este estudo apresenta o Inventário da Qualidade dos Relacionamentos Interpessoais - versão amigo, um instrumento composto por 24 itens distribuídos por 3 factores que explicam 45.96% da variância total e que avaliam as dimensões de Suporte ($\alpha=.84$), Conflito ($\alpha=.88$) e Profundidade ($\alpha=.84$). Nos 255 estudantes do ensino superior o Suporte e a Profundidade no relacionamento com o melhor amigo correlacionam-se positivamente com as medidas gerais de suporte social e negativamente com a solidão.

Palavras-chave

Suporte social, Percepção do suporte social, Qualidade do relacionamento interpessoal, Relacionamento específico, Relações de amizade.

Abstract

This study presents the Inventory of the Quality of the Interpersonal Relationships - friend's version, an instrument constituted by 24 items distributed by 3 factors which explain 45.96% of the total variance and evaluate the dimensions of support ($\alpha=.84$), conflict ($\alpha=.88$) and depth ($\alpha=.84$). In the 255 university students inquired, support and depth in the relationship with their best friend positively correlates with general measures of social support and negatively correlates with loneliness.

Key-Words

Social support, Perception of the social support, Quality of the interpersonal relationship, Specific relationship, Relations of friendship.

Introdução

As origens históricas do conceito de suporte social remontam ao início dos anos 70 e desde então inúmeros autores dedicam os trabalhos conceptuais e empíricos aos benefícios e prejuízos dos relacionamentos interpessoais (Pinheiro, 2003). A importância dos processos relacionais na etiologia de algumas doenças, em especial as relacionadas com o stress, foi referida por Cassel (1974; 1976) e Caplan (1974) introduziu a noção de sistema social remetendo para a assistência e fornecimento de recursos. A dimensão emocional do suporte social surgiu com Cobb (1976), que define suporte social como *“informação que conduz o sujeito a acreditar que ele é amado e que as pessoas se preocupam com ele; informação que leva o indivíduo a acreditar que é apreciado e que tem valor; informação que conduza o sujeito a acreditar que pertence a uma rede de comunicação e de obrigações mútuas”* (Ribeiro, 1999, p. 547).

Weiss (1974) concebe o suporte social como uma apreciação subjectiva das provisões sociais, isto é, dimensões ou funções possíveis das relações interpessoais, que podem funcionar como benefícios quando os indivíduos as percebem como disponíveis nos relacionamentos. O autor considerou seis provisões sociais: vinculação, que diz respeito a um sentido de proximidade emocional e de segurança dadas pelas relações interpessoais; integração social, que representa o sentido de pertença a um grupo que partilha ou tem em comum um conjunto de interesses ou actividades; reforço do valor, que traduz o reconhecimento dos outros face à nossa competência, aptidões e valores; aliança, refere-se à garantia, à certeza de que se pode contar com os outros para nos darem uma real assistência na resolução de um problema; orientação, referente a uma função de informação e aconselhamento; por último, a oportunidade de cuidar, que traduz o sentido da responsabilidade pelo bem-estar de outra pessoa.

House, em 1981, influenciado por autores como Cassel, Caplan e Cobb, refere-se ao suporte social como uma transacção interpessoal que envolve um ou mais aspectos como apoio emocional, ajuda instrumental, informação acerca do meio e feedback acerca de si.

No domínio da Psicologia Comunitária os anos 70 foram marcados por investigações que referiram existir benefícios na saúde do indivíduo quando os profissionais de saúde e de outras áreas assistenciais prestam suporte emocional (Auerbach & Kilmann, 1977; Whitcher & Fisher, 1979, citados por Sarason, Sarason & Pierce, 1990, p. 10-11).

Neste domínio, existem alguns estudos portugueses comparativos realizados com doentes psiquiátricos (Ornelas, 1989, 1996, 1997) e com sujeitos portadores de deficiência física adquirida (Oliveira, 1998). Este último autor baseia-se nas concepções psicodinâmicas de vinculação e do suporte social para caracterizar o suporte comunitário e a integração em redes, caracterizar o suporte familiar recebido, o *locus* de controlo na

recuperação e a percepção do suporte social.

Os autores Sarason e Sarason (1985; citados por Pinheiro, 2003, p. 213) definem percepção do suporte social como a convicção individual de que é possível receber ajuda ou empatia quando se necessita e referem, ainda, ser possível conhecer o grau de satisfação individual com o suporte percebido como disponível. Na opinião daqueles autores, a diferenciação entre o suporte social percebido e suporte social efectivamente recebido foi o progresso qualitativo na literatura do conceito, havendo dados empíricos que mostram uma maior consistência na associação entre saúde e bem-estar com a percepção do suporte social do que com o suporte social objectivamente recebido pelo indivíduo.

Em 1990, Sarason, Pierce e Sarason reconceptualizaram a percepção do suporte social como uma característica estável em relação ao suporte social e a tendência para interpretar comportamentos como sendo de suporte, designando-a por sentido da aceitação (*sense of acceptance*). A percepção do suporte social é então considerada uma característica da personalidade que se manterá estável com o tempo, mesmo durante períodos de transição desenvolvimentista (Lahey & Cassady, 1990; Sarason *et al.*, 1986, 1994, referidos por Pinheiro, 2003, p. 217). Entre as fontes mais relevantes de aceitação a literatura referencia a mãe, o pai, outros familiares e os amigos (Broock, Sarason, Sanghvi & Gurung, 1998; Pinheiro & Ferreira, 2005; Figueiredo, Maia & Pinheiro, 2004; Figueiredo, 2006). No contexto português uma investigação sobre o papel do suporte social dos pais, amigos e colegas, enquanto conjunto de benefícios emocionais, instrumentais, informativos na adaptação do estudante ao ensino superior (Pinheiro, 2003), revelou que níveis superiores de bem-estar psicológico (satisfação com a vida, equilíbrio emocional, estabilidade afectiva, felicidade e optimismo) estão associados a estudantes que se sentem mais incondicionalmente aceites, protegidos e valorizados pelos amigos e pela mãe (Pinheiro, 2003; Pinheiro & Ferreira, 2005). Ainda se identificou que o bem-estar social no relacionamento com os colegas (satisfação com os colegas de ano, nas áreas da cooperação e entretenimento, resolução de problemas pessoais, tolerância e intimidade) está associado a estudantes que se sentem mais incondicionalmente aceites, protegidos e valorizados pelos amigos, que possuem grupo restrito de colegas de curso e grupo regular de amigos, que fruem de níveis elevados de satisfação das provisões sociais e que são do género masculino.

A partir dos anos 90, com o contributo de investigadores como Irwin Sarason, Barbara Sarason, Carolyn Cutrona e Daniel Russell, o suporte social afirmou-se como construto multidimensional podendo ser avaliado com objectividade científica mediante a aplicação de instrumentos de medida psicossocial.

Com o objectivo de avaliar a composição da rede de suporte social percebida como

disponível e o nível de satisfação associado, em 1983, Sarason, Levine, Basham e Sarason construíram o *Social Support Questionnaire* (SSQ), um dos instrumentos de avaliação do suporte social mais utilizados.

O *Interpersonal Support Evaluation List* (ISEL) desenvolvido por Cohen, Mermelstein, Kamark e Hoberman (1985) e o *Social Provisions Scale* (SPS) de Cutrona e Russell (1987) surgiram na investigação também como instrumentos de medida global do suporte social.

Para Pierce, Sarason e Sarason (1991) as investigações realizadas no âmbito do suporte social, utilizando instrumentos de medida como os acabados de referir, mostram que os sujeitos elaboram crenças sobre a percepção do apoio e suporte emocional prestado por outros indivíduos, sem contextualização e sem referência a um relacionamento específico.

A literatura mostra que as investigações em torno da percepção do suporte social e da avaliação da sua satisfação surgem fortemente associadas a determinadas características da personalidade, nomeadamente à extroversão (Sarason & Sarason, 1983; Pinheiro, 2003; Pinheiro & Ferreira, 2002), às competências sociais (Sarason et al, 1987) à motivação para o contacto social (Hill, 1997; Pinheiro, 2003) e ao optimismo (Brock et al, 1998 citados por Pinheiro, 2003, p.211). Os autores acrescentam que esses estudos evidenciam a importância das características da personalidade (Cohen et al, 1985; Cutrona & Russell, 1987; Sarason et al, 1987) desenvolvidas no processo de vinculação com os pais durante a infância (Sarason, Sarason & Shearin, 1986).

A solidão é outra variável bastante correlacionada negativamente com a percepção do suporte social (Sarason, Sarason, Hacker & Basham, 1985; Pinheiro, 2003; Pinheiro & Ferreira, 2002; Neves, 2006; Neves & Pinheiro, 2006), pois, os sujeitos com baixo suporte social avaliavam-se como mais isolados, perturbados e sós. Para Pierce et al (1991), da teoria da percepção do suporte social derivam duas hipóteses, por um lado, a percepção do suporte social dirigido a um relacionamento específico é diferente da percepção do suporte social em geral, por outro, a medida de cada construto contribui para a previsão da solidão.

Na sequência do refinamento de natureza conceptual e avaliativa do suporte social, em 1990, Sarason, Sarason e Pierce propuseram o modelo interacional-cognitivo do suporte social que realça o papel dos aspectos situacionais, intrapessoais e interpessoais nos processos do suporte social. Os aspectos situacionais dizem respeito às características do meio em que ocorre a relação de suporte, os aspectos intrapessoais referem-se à capacidade de o sujeito perceber um determinado comportamento como suporte social e, por último, os aspectos interpessoais estão relacionados com as expectativas que o

indivíduo desenvolve em relação a um determinado relacionamento específico e em que medida esse relacionamento é fonte de suporte, de conflito e/ou de profundidade. Este último aspecto está relacionado com o grau de importância e segurança que o sujeito atribui ao relacionamento. O contexto interpessoal do suporte social assume que um determinado relacionamento importante na vida do indivíduo tanto pode ser fonte de suporte como de conflito (Pierce, 1994).

É com base no modelo interacional-cognitivo do suporte social, mais especificamente no contexto interpessoal do suporte social que Pierce, Sarason e Sarason (1991) desenvolveram o *Quality of Relationships Inventory* (QRI) para avaliar a percepção do suporte, do conflito e da profundidade num relacionamento específico.

Em 2006, Neves e Pinheiro encetaram uma investigação com o objectivo de adaptar e validar a versão portuguesa do QRI para o relacionamento específico com a mãe, o pai, o/a amigo/a e o par amoroso. A pesquisa culminou com a adaptação de quatro escalas que permitem medir a percepção do suporte, do conflito e da profundidade no relacionamento com a mãe, o pai, o/a amigo/a e o/a namorado/a. Qualquer um dos instrumentos pode ser aplicado em contexto clínico, educacional, organizacional e em contexto de investigação (Neves, 2006).

Neste trabalho apresenta-se o estudo da validade e da fidelidade do instrumento para o relacionamento com o/a amigo/a.

Metodologia

Amostra

A versão traduzida do QRI, à qual os sujeitos responderam pensando em relacionamentos específicos com a mãe, o pai, um/a amigo/a e o/a namorado/a ou cônjuge, foi aplicada numa amostra constituída por 255 estudantes da Escola Superior de Educação de Coimbra, maioritariamente do género feminino (n=121; 79.1%), solteiros (n=146; 96.7%) e com idades compreendidas entre os 19 e os 28 anos de idade (m=21.78; dp=2.19).

Os indivíduos que responderam aos questionários frequentavam os cursos de Ensino Básico – 1º Ciclo (n=48; 18.8%), de Animação Socioeducativa (n=42; 16.5%), de Comunicação Social (n=32; 12.5%), de Professores de Educação Musical do Ensino Básico (n=31; 12.2%), de Comunicação Organizacional (n=29; 11.4%), de Educação de Infância (n=22; 8.6%), de Comunicação e Design Multimédia (n=17; 6.7%), de Ensino Básico – variante de educação física (n=17; 6.7%), de Teatro e Educação (n=9; 3.5%) e de Ensino Básico – variante de educação visual e tecnológica (n=8; 3.1%).

Relativamente ao ano do curso, 104 (40.8%) dos inquiridos frequentavam o 2º ano do respectivo curso, 97 (38%) estudavam no 3º ano e os restantes 54 (21.2%) no 4º ano.

Instrumentos

A versão original do *Quality of Relationships Inventory* (QRI)

Com base no contexto interpessoal do Modelo Interacional-Cognitivo do Suporte Social, proposto por Sarason, Pierce e Sarason (1990), os mesmos autores, em 1991, desenvolveram o *Quality of Relationships Inventory* (QRI) para avaliar a percepção do suporte, do conflito e da profundidade sentida pelo indivíduo num relacionamento específico.

O QRI desenvolvido por Pierce et al (1991) pretende avaliar, num relacionamento específico (mãe, pai, amigo/a), a percepção do suporte social em relação a um determinado apoiante (exemplo do item 1- Até que ponto pode aconselhar-se com esta pessoa sobre diversos problemas?); a percepção da profundidade e importância desse relacionamento (exemplo do item 11- Na sua vida, até que ponto este relacionamento é importante?); a percepção desse relacionamento como fonte de conflito e ambivalência (exemplo do item 23- Com que frequência esta pessoa o/a faz sentir zangado/a?).

Os inquiridos responderam aos questionários tendo em conta apoiantes específicos, nomeadamente, a mãe, o pai e quatro amigos cujo relacionamento, embora não tivesse que ser necessariamente positivo, devesse ser importante na vida do sujeito.

O QRI é composto por 25 itens distribuídos por três subescalas, cujas respostas são seleccionadas numa escala de tipo *Likert* com quatro níveis: (1) *Not at all*, (2) *A little*, (3) *Quite a bit*, (4) *Very Much*.

Os autores procederam à análise factorial utilizando o método de “Maximum Likelihood” com rotação oblíqua, pois, segundo Pierce et al (1991), estudos anteriores identificaram correlações moderadas a fortes entre as dimensões *depth* e *support* (Hirsch, 1979; Pierce, Sarason & Sarason, 1988; citados por Pierce et al, 1991, p. 1030). Deste procedimento resultaram três factores. De entre os itens que saturaram em cada factor foram seleccionados aqueles que possuíam *loadings* superiores a .40, originando uma versão final do QRI composta por 25 itens: 12 na subescala QRI *conflict*, 7 na subescala QRI *support* e 6 na QRI *depth*.

Na investigação efectuada por Pierce et al (1991), o estudo da fidelidade numa amostra de 210 sujeitos revelou coeficientes de alpha de Cronbach satisfatórios nas três subescalas QRI *support*, *conflict* e *depth* respondidas, respectivamente, em relação à mãe (.83, .88 e .83), em relação ao pai (.88, .88 e .86) e em relação ao amigo/a (.85, .91 e

.84).

No que diz respeito às correlações entre as subescalas, para o mesmo apoiante encontraram-se associações entre moderadas a fortes. Por exemplo, na escala respondida em relação à mãe, os resultados obtidos na QRI *support* revelaram-se positivos e fortemente associados com a QRI *depth* ($r=.726$, $p\leq.001$), por sua vez, apresentaram-se negativos e moderadamente associados com a QRI *conflict* ($r=-.437$, $p\leq.001$). A leitura destes dados indica que, quando o sujeito percebe um relacionamento específico como fonte de suporte social, esse é igualmente percebido como importante e fonte de segurança e de bem-estar.

A subescala QRI *support* respondida em relação à mãe e ao pai correlacionaram-se de forma expressiva ($r=.507$, $p\leq.001$), a associação destas com a mesma subescala, respondida em relação ao amigo/a, apresenta correlações muito baixas, respectivamente, $r=.227$ e $r=.193$; $p\leq.001$. Estes dados indicam que, de facto, o sujeito realiza diferentes percepções dos relacionamentos em função do parceiro dessa relação.

A validade convergente e divergente do QRI foi analisada através de correlações com o *Parental Bonding Instrument* (PBI; Parker, Tupling & Brown, 1979), a *Social Provisions Scale* (SPS; Cutrona & Russell; 1987), o *Social Support Questionnaire* (Short-Form) (SSQ6; Sarason, Sarason, Sharin & Pierce, 1987) e a *UCLA Loneliness Scale* (Russell, Peplau & Cutrona, 1980).

As correlações obtidas entre as subescalas do QRI e as subescalas do PBI indicam o poder discriminativo do QRI em função do relacionamento específico. Pierce et al (1991) obtiveram fortes correlações entre as subescalas QRI *support* e PBI *care* para o mesmo relacionamento específico (Mãe: $r=.741$, $p\leq.001$; Pai: $r=.668$, $p\leq.001$) e correlações moderadas quando associaram subescalas direccionadas para diferentes relacionamentos (QRI *support* Pai e PBI *care* Mãe $r=.406$, $p\leq.001$; QRI *support* mãe e PBI *care* pai $r=.380$, $p\leq.001$).

Para as três categorias dos relacionamentos em estudo, mãe, pai e amigo/a, as subescalas do QRI *support* e *depth* correlacionaram-se positivamente com as duas medidas gerais do suporte social - Escala de Provisões Sociais (SPS) e a dimensão número do Questionário de Suporte Social (SSQ6) - e negativamente com a Escala de Solidão (ES).

A versão portuguesa do *Quality of Relationships Inventory* (QRI)

Para obter a versão portuguesa do QRI aplicou-se o método de tradução-retroversão (Hill & Hill, 2000) que envolveu três passos.

O questionário foi traduzido para português por duas pessoas, ambas portuguesas,

uma com conhecimentos profundos do inglês e outra com conhecimentos do inglês americano, investigadora com experiência na tradução de questionários americanos. Respeitando o objectivo deste passo, os tradutores preocuparam-se em alcançar uma tradução que, simultaneamente, estimasse o texto original e prezasse também “*a sintaxe, a gramática e as subtilezas da língua portuguesa*” (Hill & Hill, 2000, p. 81).

Seguiu-se a retroversão do instrumento por uma terceira pessoa com conhecimentos de nível superior nas línguas portuguesa e inglesa.

Por último, os investigadores compararam a versão original do questionário em inglês com a versão inglesa obtida pelo terceiro indivíduo e solicitaram esclarecimentos junto dos tradutores envolvidos, sempre que consideraram necessário.

Num momento seguinte, o questionário foi aplicado a 16 estudantes do ensino superior com o objectivo de verificar a adequação e perceptibilidade das instruções e de refinar a tradução. Solicitou-se aos estudantes que, logo após o preenchimento do questionário, dissessem quais as dúvidas que tiveram na interpretação das instruções e durante a resposta aos itens. Apenas o item 2 foi apontado, por alguns estudantes, como fonte de hesitações no momento da resposta.

Assim, a tradução dos itens do *Quality of Relationships Inventory*, denominada na versão portuguesa por *Inventário da Qualidade dos Relacionamentos Interpessoais (IQRI)*, manteve a estrutura do instrumento original, sendo composto por 25 itens, a serem respondidos numa escala de tipo *Likert* com quatro níveis: (1) Nunca ou Nada, (2) Poucas vezes ou Pouco, (3) Bastantes vezes ou Bastante, (4) Sempre ou Muito.

Instrumentos usados no estudo da validade externa

Escala de Provisões Sociais (SPS)

A *Social Provisions Scale* (SPS) (Cutrona & Russell, 1987) foi traduzida e adaptada para a população portuguesa por Pinheiro e Ferreira (2001), para medir a percepção de seis provisões sociais.

A escala é composta por 24 itens distribuídos por seis dimensões, cada uma constituída por dois itens de conteúdo positivo e dois de conteúdo negativo, avaliados através de uma escala de tipo *Likert* com quatro níveis de resposta, desde discordo muito (1) a concordo muito (4) e conducentes à obtenção de seis *scores* parciais e um *score* global.

Em 2003, os estudos realizados por Pinheiro na adaptação à população portuguesa evidenciaram as características psicométricas do instrumento. No que concerne à consistência interna, o índice de alpha de Cronbach de 0.91 foi o mais elevado obtido para a escala total do SPS. Para as subescalas, os índices de alpha de Cronbach foram menos

satisfatórios variando entre .58 e .82 nas dimensões, respectivamente, Oportunidade de Cuidar e Aliança (Pinheiro, 2003, p. 291).

No estudo da validade do instrumento a autora realizou diversas análises factoriais exploratórias sem alcançar resultados satisfatórios, então Pinheiro (2003) prosseguiu com a análise dos itens das subescalas propostas por Russell e Cutrona (1987).

Perante os resultados alcançados, Pinheiro recomenda a utilização do “*total da Escala de Provisões Sociais, como medida global das provisões sociais*” (2003, p. 294).

Questionário de Suporte Social (SSQ6)

O *Social Support Questionnaire* (Short-Form) ou SSQ6 (Sarason, Sarason, Sharin & Pierce, 1987), versão reduzida do *Social Support Questionnaire* ou SSQ (Sarason et al., 1983), foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Pinheiro e Ferreira (2002).

O SSQ6 é um instrumento de medida do suporte social composto por 6 itens, cada um possuindo duas partes. Formulado na interrogativa, a primeira parte do item avalia o número de pessoas que o sujeito percebe como disponíveis para apoiarem numa determinada situação, podendo mencionar o número máximo de nove pessoas, o sujeito pode ainda optar pela resposta “ninguém”. A segunda parte do item estima, através de uma escala de tipo *Likert* com seis pontos desde muito insatisfeito (1) a muito satisfeito (6), o grau de satisfação com a globalidade do suporte percebido pelo indivíduo.

Obtêm-se *scores* parciais dividindo a soma das pontuações nos itens por seis, os valores médios obtidos são designados por índice numérico (SSQ6N) e índice de satisfação (SSQ6S) (Sarason et al., 1983; Sarason et al., 1987).

De acordo com a investigação dos autores Pinheiro e Ferreira (2001; 2002), o instrumento revelou níveis de consistência interna satisfatórios, com índices alpha de Cronbach de .92 e .90 para a dimensão SSQ6Número e de .89, .90 para a dimensão SSQ6Satisfação.

Construído para medir o suporte social como reflexo da percepção individual de se ser amado, valorizado e aceite na relação com os outros (Pinheiro, 2003; Pinheiro & Ferreira, 2001; Sarason et al, 1987), a bidimensionalidade do SSQ6, obtida na análise factorial em componentes principais realizada pelos autores americanos e portugueses, permite avaliar dois aspectos da percepção do suporte social, designadamente a percepção da disponibilidade das entidades de suporte (SSQ6N) e a percepção da satisfação com o suporte (SSQ6S) (Pinheiro & Ferreira, 2002).

Escala de Solidão (ES)

A Escala de Solidão (ES) da UCLA, criada por Russell e seus colaboradores (Russell, Peplau & Ferguson, 1978; Russell, Peplau & Cutrona, 1980; Cutrona, 1982) para avaliar a solidão, foi adaptada para a população portuguesa em 1989 por Neto. De acordo com o autor, a escala “*revelou-se altamente fidedigna e válida quer na avaliação da solidão quer na discriminação entre solidão e outros construtos relacionados*” (Neto, 1999, p.59).

A versão portuguesa da ES comporta 18 itens (9 itens positivos e 9 negativos) avaliados numa escala *Likert* de 4 pontos (nunca, raramente, algumas vezes e muitas vezes), cujo *score* global corresponde ao grau de solidão sentida pelo sujeito.

Relativamente aos índices de consistência interna da escala, junto das amostras portuguesas de estudantes universitários, os valores de alfa obtidos foram muito satisfatórios balanceando entre .87 e .89 (Neto, 1999; Pinheiro, 2003).

Procedimentos

Com a autorização do Conselho Directivo da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, os instrumentos foram aplicados aos estudantes durante os meses de Fevereiro e Março de 2006, nas salas de aula. A aplicação dos questionários foi realizada pelo investigador que informou sobre os objectivos do estudo, a confidencialidade das respostas, a voluntariedade no preenchimento e disponibilizou-se para esclarecer dúvidas.

Por os questionários serem de leitura óptica, cuja preparação implicou o recurso ao programa informático Cardiff TELEform, solicitou-se aos estudantes que assinalassem visivelmente as respostas.

Mediante o uso do programa SPSS 14.0 para Windows procedeu-se ao tratamento estatístico dos dados da amostra.

Resultados

Iniciou-se o estudo estatístico com a análise da dispersão das respostas em cada item e verificou-se que, apesar de não se obter a variância máxima dos resultados, encontraram-se os quatro níveis da escala em diferentes graus.

De acordo com os autores dos estudos originais do instrumento, para o estudo da dimensionalidade do IQRI procedemos ao cálculo da análise factorial forçada a três factores, utilizando o método de *Maximum Likelihood* com rotação oblíqua.

Para a escala do IQRI em relação ao relacionamento com o/a amigo/a, os índices de Kaiser-

Meyer-Olkin (.890) e do Bartlett's Test of Sphericity (Chi-Square=2513,98; df=300; $p \leq .001$) revelaram-se adequados à prossecução da análise factorial.

Para as dimensões teóricas em causa, a solução forçada de três factores explicou 44.36% da variância total, tendo o factor 1 contribuído com 23.42%, o factor 2 com 17.13% e o factor 3 com 3.81% da variância (Quadro1).

Analisando o Quadro 1 encontramos no primeiro factor os itens 1, 3, 5, 15, 18, 22 e 25 cujas saturações variam entre .84 (item 18) e .31 (item 15); no factor 2 saturaram onze itens (4, 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 24 e 25) com valores oscilantes entre .88 (item 20) e .45 (item 25); por último, no factor 3 organizaram-se os restantes itens (2, 10, 11, 12, 13, 16 e 17) com saturações elevadas oscilantes entre -.82 (item 10) e -.44 (item 12). O item 2 saturou no factor com um valor muito baixo (-.19), pelo que se optou pela sua exclusão. Esta decisão foi reforçada pela análise da consistência interna do factor 3 cujo valor de alpha de Cronbach se elevou a .84 após a extracção do item 2.

Quadro 1 – Análise factorial do IQRI Amigo pelo método *Maximum Likelihood*, rotação oblíqua forçada a 3 factores (25 itens)

Item		F1	F2	F3
18	Até que ponto pode contar com esta pessoa para o/a ouvir quando você está bastante zangado/a com outra pessoa?	.84		
3	Até que ponto pode contar com esta pessoa para o/a ajudar quando tem um problema?	.67		
5	Até que ponto pode contar com esta pessoa para lhe dar uma opinião honesta, mesmo que não queira ouvir essa opinião?	.67		
1	Até que ponto pode aconselhar-se com esta pessoa sobre diversos problemas?	.61		
8	No caso de um membro muito próximo da sua família falecer, até que ponto pode contar com esta pessoa para o/a ajudar?	.60		
22	Até que ponto pode verdadeiramente contar com esta pessoa para o/a distrair das suas preocupações quando está sob stresse?	.60		
15	Se quisesse sair esta noite e fazer algo, quão convicto/a está de que esta pessoa estaria disposta a sair consigo?	.31		
Factor 1: Suporte; Valor próprio = 5.85; Variância explicada = 23.42%				
20	Até que ponto esta pessoa o/a consegue pôr zangado/a?		.88	
23	Com que frequência esta pessoa o/a faz sentir zangado/a?		.81	
4	Até que ponto é que esta pessoa o/a consegue pôr <i>chateado/a</i> ?		.75	
21	Até que ponto discute com esta pessoa?		.73	
19	O quanto é que deseja que esta pessoa mude?		.63	
24	Com que frequência esta pessoa tenta controlar ou influenciar a sua vida?		.58	
6	O quanto é que esta pessoa o/a consegue fazer sentir culpado/a?		.58	

7	Até que ponto tem de “ceder” nesta relação?	.55
9	Até que ponto é que esta pessoa deseja que você mude?	.55
14	Quão crítica é esta pessoa em relação a si?	.48
25	Nesta relação, até que ponto você dá mais do que recebe?	.45

Factor 2: Conflito; Valor próprio = 4.28; Variância explicada = 17.13%

10	Quão positivo é o papel desta pessoa na sua vida?	-.82
11	Na sua vida, até que ponto este relacionamento é importante?	-.76
13	Até que ponto sentiria a falta desta pessoa se os dois não se pudessem ver ou falar durante 1 mês?	-.61
16	Até que ponto se sente responsável pelo bem-estar desta pessoa?	-.52
17	O quanto é que depende desta pessoa?	-.50
12	Quão próximo será o relacionamento com esta pessoa daqui a 10 anos?	-.44
2	Com que frequência se esforça para evitar conflitos com esta pessoa?	-.19

Factor 3: Profundidade; Valor próprio = .95; Variância explicada = 3.81%

Submeteu-se, novamente, os restantes 24 itens a uma análise factorial mediante o método *Maximum Likelihood* com rotação oblíqua, cuja solução obtida explica 45.96% da variância (Quadro 2).

O factor 1 apresenta um *eigenvalue* de 5.82, explica 24.23% da variância e é composto pelos itens 1, 3, 5, 8, 15, 18 e 22 (pertencentes originalmente à subescala de Suporte) com valores satisfatórios oscilando entre .32 (item 15) e .84 (item 18). Com um *eigenvalue* de 4.27, o factor 2 explica 17.80% da variância e nele saturaram os itens 4, 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 24 e 25 (no QRI original estes itens constituíam a subescala de Conflito) com valores oscilantes entre .45 (item 25) e .87 (item 20). Explicando 3,93% da variância e com um *eigenvalue* de .94, o factor 3 reúne os itens 10, 11, 12, 13, 16 e 17 com saturações entre -.45 (item 12) e -.84 (item 10), interpretáveis como subescala de Profundidade (Quadro 2).

Quadro 2 – Análise factorial do IQRI Amigo pelo método *Maximum Likelihood*, rotação oblíqua forçada a 3 factores (24 itens)

Item		F1	F2	F3
18	Até que ponto pode contar com esta pessoa para o/a ouvir quando você está bastante zangado/a com outra pessoa?	.84		
5	Até que ponto pode contar com esta pessoa para lhe dar uma opinião honesta, mesmo que não queira ouvir essa opinião?	.67		
3	Até que ponto pode contar com esta pessoa para o/a ajudar quando tem um problema?	.66		
1	Até que ponto pode aconselhar-se com esta pessoa sobre diversos problemas?	.61		
22	Até que ponto pode verdadeiramente contar com esta pessoa para o/a distrair das suas preocupações quando está sob stresse?	.60		
8	No caso de um membro muito próximo da sua família falecer, até que ponto pode contar com esta pessoa para o/a ajudar?	.58		
15	Se quisesse sair esta noite e fazer algo, quão convicto/a está de que esta pessoa estaria disposta a sair consigo?	.32		
Factor 1: Suporte; Valor próprio = 5.82; Variância explicada = 24.23%				
20	Até que ponto esta pessoa o/a consegue pôr zangado/a?		.87	
23	Com que frequência esta pessoa o/a faz sentir zangado/a?		.81	
4	Até que ponto é que esta pessoa o/a consegue pôr chateado/a?		.75	
21	Até que ponto discute com esta pessoa?		.74	
19	O quanto é que deseja que esta pessoa mude?		.63	
6	O quanto é que esta pessoa o/a consegue fazer sentir culpado/a?		.57	
24	Com que frequência esta pessoa tenta controlar ou influenciar a sua vida?		.57	
7	Até que ponto tem de “ceder” nesta relação?		.56	
9	Até que ponto é que esta pessoa deseja que você mude?		.55	
14	Quão crítica é esta pessoa em relação a si?		.48	
25	Nesta relação, até que ponto você dá mais do que recebe?		.45	
Factor 2: Conflito; Valor próprio = 4.27; Variância explicada = 17.80%				
10	Quão positivo é o papel desta pessoa na sua vida?			-.84
11	Na sua vida, até que ponto este relacionamento é importante?			-.78
13	Até que ponto sentiria a falta desta pessoa se os dois não se pudessem ver ou falar durante 1 mês?			-.62

16	Até que ponto se sente responsável pelo bem-estar desta pessoa?	-52
17	O quanto é que depende desta pessoa?	-50
12	Quão próximo será o relacionamento com esta pessoa daqui a 10 anos?	-45

Factor 3: Profundidade; Valor próprio = .94; Variância explicada = 3.93%

Para analisar a fidelidade dos resultados do IQRI bem como a capacidade discriminativa dos itens recorreu-se ao método da consistência interna, obtendo-se as estatísticas alpha de Cronbach, média e desvio-padrão de cada item, e as correlações entre cada item e o respectivo *score* da dimensão a que pertence.

Pela análise do Quadro 3 verifica-se que nas três subescalas as correlações dos itens com o total da respectiva dimensão revelaram valores muito adequados entre .32 (item 15) e .77 (item 20), todos superiores a .30 (Cronbach, 1984), o que confirma o poder discriminatório dos itens.

A consistência interna das subescalas revelam índices alpha muito satisfatórios na ordem dos .84 na dimensão Suporte, .88 na dimensão Conflito e .84 na dimensão Profundidade.

Importa deter a atenção no item 15 que saturou na dimensão de Suporte. Como se verifica no Quadro 3 a extracção do item apenas elevaria o alpha de Cronbach da dimensão de .84 para .85. Atendendo ao conteúdo do item privilegiou-se a sua preservação para futuras análises.

Quadro 3 - Médias, desvios-padrão, correlações corrigidas dos itens e coeficiente alfa de Cronbach do IQRI Amigo

Subescala	Item	M	DP	r	
				com exclusão do item	com exclusão do item
Suporte	1	3.53	.60	.61	.80
	3	3.54	.58	.69	.79
	5	3.55	.62	.55	.81
	8	3.60	.60	.61	.80
	15	3.37	.72	.32	.85
	18	3.52	.63	.70	.79
	22	3.48	.58	.64	.80
	Total	24.60	3.06	=.84	
Conflito	4	1.88	.65	.64	.86
	6	1.82	.67	.55	.87
	7	1.97	.70	.55	.87
	9	1.70	.61	.56	.87
	14	2.32	.72	.46	.88
	19	1.70	.63	.61	.87
	20	1.82	.67	.77	.86
	21	1.72	.62	.66	.86
	23	1.65	.60	.73	.86
	24	1.51	.65	.54	.87
	25	1.87	.72	.44	.88
Total	19.96	4.87	=.88		
Profundidade	10	3.48	.63	.71	.78
	11	3.52	.56	.68	.79
	12	3.24	.65	.60	.80
	13	3.09	.81	.68	.78
	16	2.87	.72	.50	.82
	17	2.28	.79	.51	.82
	Total	18.48	3.07	=.84	

Conforme mostra o Quadro 5, no relacionamento com o/a amigo/a os resultados dos estudos correlacionais confirmam a forte associação entre as subescalas do IQRI suporte e profundidade ($r=.63$, $p\leq.01$). A correlação dessas mesmas subescalas com a IQRI conflito são negativas e com valores sem significância estatística ($r=-.12$; $r=-.07$).

Os resultados do estudo da validade convergente e divergente do IQRI apresentam-se através da análise das correlações com duas medidas de suporte social (SPS global e SSQ6N) e uma de solidão (ES).

Relativamente aos estudo psicométrico das medidas de suporte social, os índices de consistência interna da SPS global ($\alpha=.90$) e do SSQ6 número ($\alpha=.92$) para a amostra em estudo são muito satisfatórios. A escala de solidão apresenta, igualmente, muito boa consistência interna ($\alpha=.89$) (Quadro 4).

Quadro 4 – Estatística descritiva e índices de consistência interna da SPS Global, do SSQ6N e da ES

Instrumentos de medida	Nº de itens	M	DP	
Escala de Provisões Sociais (SPS) Global	24	84.85	7.75	.90
Questionário de Suporte Social (SSQ6) – Número	6	28.53	11.15	.92
Escala de Solidão (ES)	18	30.25	7.18	.89

No que diz respeito ao estudo da validade convergente, foram encontradas correlações positivas entre as subescalas IQRI suporte e IQRI profundidade com o resultado global da SPS (respectivamente, $r=.41$, $p\leq.01$; $r=.29$, $p\leq.01$) e com a percepção do número de pessoas que disponibilizam suporte social (SSQ6N) (respectivamente, $r=.23$, $p\leq.01$; $r=.15$, $p\leq.05$). Assim, e à semelhança dos resultados obtidos pelos autores da escala original, a maiores níveis de suporte social e de profundidade no relacionamento com o/a amigo/a correspondem maiores níveis de percepção do suporte social em geral (Quadro 5). Os índices de correlação encontrados, apesar de significativos, não foram muito elevados o que confirma a hipótese teórica de Pierce et al (1991) que considera que a percepção do suporte social num relacionamento específico é diferente da percepção do suporte social em geral.

Ainda analisando o Quadro 5 verificamos que as dimensões do IQRI suporte e profundidade se correlacionam negativamente com a solidão (respectivamente, $r=-.37$, $p\leq.01$; $r=-.24$, $p\leq.01$), significando que se sentem mais sós os indivíduos cujos relacionamentos com os/as amigos/as se caracterizam por baixos níveis de profundidade e de suporte social.

Quadro 5 – Correlações entre as subescalas do IQRI, SPS Global, SSQ6N e a ES

	IQRI Suporte	IQRI Conflito	IQRI Profundidade	SPS Global	SSQ6 Número	ES
IQRI Suporte	1	-.12	.63**	.41**	.23**	-.37**
IQRI Conflito		1	-.07	-.30**	-.07	.25**
IQRI Profundidade			1	.29**	.15*	-.24**
SPS Global				1	.28**	-.75**
SSQ6 Número					1	-.35**
ES						1

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Na literatura, a variável género é muitas vezes aplicada ao estudo do suporte social. Assim, procedeu-se ao estudo da qualidade dos relacionamentos interpessoais em função do género. Nas subescalas do IQRI as raparigas têm pontuações mais elevadas que os rapazes, com diferença significativa nas subescalas de suporte ($t=.037$; $p=.044$) e de profundidade ($t=.769$; $p=.001$). Nas relações de amizade, as raparigas percebem mais suporte e profundidade do que os rapazes (Quadro 6).

Quadro 6 – Médias, desvios-padrão e Teste t de Student em função do género

	Género Masculino			Género Feminino			t	p
	N	M	DP	N	M	DP		
IQRI Suporte	58	23.31	3.49	189	24.84	2.88	.037	.044
IQRI Conflito	56	19.53	4.70	178	20.09	4.92	.644	.444
IQRI Profundidade	55	17.29	3.24	187	18.83	2.93	.769	.001

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Da análise do Quadro 7 verifica-se que, quanto maior for a percepção do suporte social na relação com os/as amigo/as, maior é a profundidade desses relacionamentos, os valores das correlações são mais expressivas nos rapazes ($r=.68$; $p \leq .01$) do que nas raparigas ($r=.60$; $p \leq .01$).

Quadro 7 – Correlações entre as subescalas do IQRI, por género

	Género Masculino			Género Feminino		
	S	C	P	S	C	P
IQRI Suporte	1	.03	.68**	1	-.18*	.60**
IQRI Conflito		1	.02		1	-.12
IQRI Profundidade			1			1

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

No que diz respeito às correlações entre as subescalas do IQRI com as medidas de percepção de suporte social geral e a solidão (Quadro 8), verifica-se que nas raparigas a qualidade dos relacionamentos interpessoais se associam moderadamente com os níveis de solidão. Quanto maior o conflito percebido pelas raparigas nos seus relacionamentos com o/a amigo/a maior o nível de solidão ($r = .30$; $p \leq .01$). Por sua vez, quanto maior a percepção do suporte social e da profundidade nas relações de amizade menor o nível de solidão ($r = -.43$; $p \leq .01$, $r = -.30$; $p \leq .01$).

Relativamente à percepção de suporte social global, nas raparigas a qualidade dos relacionamentos de amizade associa-se à satisfação das necessidades relacionais (Quadro 8). A relação entre a percepção do suporte social no relacionamento com o/a amigo/a e a percepção do suporte disponível é mais forte nos rapazes ($r = .34$; $p \leq .05$).

Quadro 8 – Correlações entre as subescalas do IQRI e a SPS Global, a SSQ6N e a ES, por género

	SPS Global		SSQ6N		ES	
	M	F	M	F	M	F
IQRI Suporte	.30*	.47**	.34*	.20**	-.23	-.43**
IQRI Conflito	-.08	-.35**	.13	-.13	.09	.30**
IQRI Profundidade	.31*	.30**	.18	.15*	-.12	-.30**

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Discussão

Este trabalho apresenta os estudos realizados na adaptação e validação da versão portuguesa do *Quality of Relationships Inventory* (QRI) (Pierce, Sarason & Sarason, 1991) no relacionamento com o/a amigo/a.

Os resultados alcançados atribuem boas qualidades psicométricas, no que diz respeito à validade e fidelidade do Inventário da Qualidade dos Relacionamentos Interpessoais (IQRI) para o relacionamento em causa.

No estudo das correlações entre as subescalas do IQRI verifica-se uma forte associação entre as subescalas do IQRI suporte e profundidade, tal sugere que, quanto mais íntima for a relação com o/a amigo/a maior é a percepção do suporte social.

Ainda no relacionamento com o/a amigo/a registou-se o valor médio mais baixo de conflito ($m=19.96$; $dp=4.87$), ficando abaixo do ponto intermédio da escala. Este resultado pode interpretar-se em duas perspectivas: no momento do preenchimento do IQRI o estudante pode ter pensado no relacionamento com um amigo que seja importante na sua vida mas com quem não tenha conflitos (nas instruções do IQRI pedia-se ao estudante para pensar no relacionamento com um amigo considerado como importante na sua vida, embora esse relacionamento não tivesse de ser necessariamente positivo); os conflitos entre amigos podem estar relacionados com aspectos que não são avaliados por essa subescala. É possível consideramos a hipótese de que as relações com os amigos, quando pautadas por conflitos, podem ser excluídas da rede relacional.

Os estudos em torno da validade convergente e divergente do IQRI, à semelhança dos pressupostos teóricos de Pierce, Sarason e Sarason (1991), revelaram relações significativas e positivas com as três medidas de suporte social geral e associações significativas e negativas com a medida de solidão. Pode afirmar-se que as correlações negativas entre o *score* global da solidão e as medidas da percepção do suporte social mostraram que, quanto mais sozinho se sente o indivíduo menor é o suporte social por si percebido. As correlações negativas entre a solidão e as dimensões do IQRI suporte e IQRI profundidade transpareceram o sentimento de isolamento dos indivíduos cujos relacionamentos com os/as amigos/as se caracterizam por baixos níveis de profundidade e de suporte social. Pelo contrário, as correlações positivas obtidas entre as medidas de conflito e de solidão revelaram que, no relacionamento com o/a amigo/a, a maiores níveis de conflito correspondem mais elevados níveis de solidão. As correlações positivas entre as medidas de suporte e profundidade do IQRI e as medidas do SSQ6N revelaram que, quanto mais qualidade no relacionamento com o/a amigo/a o indivíduo sentir maior é o suporte social percebido.

Para compreender a qualidade do relacionamento interpessoal é importante conhecer

o grau de satisfação nessa relação. Para tal, a introdução de uma questão sobre o grau de satisfação sentido na relação específica poderá ser uma variável a incluir em futuras investigações.

Os estudos de diferença de género realizados corroboram o pressuposto de que os rapazes e raparigas diferem nas medidas de percepção de suporte social geral e específico em cada relacionamento. Nas relações de amizade as raparigas percebem mais suporte social e profundidade, a qualidade dos seus relacionamentos interpessoais relaciona-se mais à solidão e à satisfação das necessidades relacionais. Nos rapazes, a percepção de suporte social na relação de amizade correlaciona-se mais fortemente com a percepção do suporte disponível. Tal foi mencionado na literatura por Bell (1981), referindo que nas relações de amizade as raparigas valorizam mais a intimidade e a confiança, os rapazes dão maior relevo à sociabilidade.

Assim, os resultados alcançados neste trabalho, no âmbito das relações de amizade, incentivam à continuidade dos estudos da qualidade dos relacionamentos interpessoais em função da variável género.

A adaptação do IQRI para a população portuguesa é o contributo fundamental para o estudo do contexto interpessoal do suporte social no relacionamento do indivíduo com alguém em específico.

Bibliografia

- Bell, R. R. (1981). *Worlds of friendships*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Caplan, G. (1974). *Support systems and community mental health*. New York: Behavioral Publications.
- Cassel, J. (1974). Psychosocial processes and stress: theoretical formulations. *International Journal of Health Services*, 4, 471-482.
- Cassel, J. (1976). The contribution of the social environment to host resistance. *American Journal of Epidemiology*, 104, 107-123.
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, 38, 300-314.
- Cohen, S., Mermelstein, R., Kamarck, T. & Hoberman, H. (1985). Measuring the functional components of social support. In I. G. Sarason & B. R. Sarason (Eds.), *Social support: theory, research and applications* (pp. 73-94). Dordrecht, The Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Cutrona, C. E. (1996). *Social support in couples: marriage as a resource in times of stress*. Thousand Oaks: SAGE.

- Cutrona, C. E. (1982). Transition to college: loneliness and the process of adjustment. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: a sourcebook of current theory, research, and therapy* (pp. 291-309). New York: Wiley Interscience.
- Cutrona, C. E. & Russell, D. W. (1987). The provisions of social support and adaptation to stress. In W. Nesand & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships*, Vol 1, (pp. 7-67). Greenwich, ET: JAI Press.
- Figueiredo, C. R. (2006). *Percepção da aceitação: estudo de validade de uma escala em contexto universitário*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Pedagogia Universitária, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Figueiredo, C.C., Maia, J.A. & Pinheiro, M. R. (2004). Percepção da aceitação: dados preliminares de um estudo validação com estudantes da Universidade de Coimbra. In C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves & V. Ramalho (Eds.), *Actas da X conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos* (pp. 180-188). Braga: Psiquilibrios.
- Hill, C. A. (1997). The relationship of expressive and affiliative personality dispositions to perceptions of social support. *Basic and Applied Social Psychology*, 19, 133-161.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- House, J. S. (1981). *Work stress and social support*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Neto, F. (1989). Avaliação da solidão. *Psicologia Clínica*, 2, 65-79.
- Neto, F. (1992). *Solidão, embaraço e amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.
- Neto, F. (1999). Satisfação com a vida e características de personalidade. *Psychologica*, 22, 55-70.
- Neves, C. I. C. (2006). *Inventário da Qualidade dos Relacionamentos Interpessoais: contributo para a avaliação do suporte social em estudantes do ensino superior*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Neves, C. I. C. & Pinheiro, M. R. (2006). Adaptação e validação do *Quality of Relationships Inventory* (QRI): a qualidade dos relacionamentos interpessoais numa amostra de estudantes do ensino superior. In C. Machado, L. Almeida, M. A. Guisande, M. Gonçalves & V. Ramalho (Eds.), *Actas da XI conferência internacional de avaliação psicológica: Formas e Contextos* (pp. 405-416). Braga: Psiquilibrios.
- Oliveira, R. A. (1998). *Do vínculo ao suporte social: aspectos psicodinâmicos em sujeitos com deficiências físicas adquiridas*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Ornelas, J. (1989). *Do romantismo da loucura à sua transinstitucionalização: apresentação*

- de um projecto comunitário com esquizofrénicos. *Análise Psicológica*, 7 (4), 583-587.
- Ornelas, J. (1996). Sistema de suporte comunitário. *Análise Psicológica*, 14 (2-3), 331-339.
- Ornelas, J. (1997). Psicologia comunitária: origens, fundamentos e áreas de intervenção. *Análise Psicológica*, 15 (3), 375-388.
- Parker, G., Tupling, H. & Brown, L. B. (1979). A parental bonding instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pierce, G. R. (1994). The Quality of Relationships Inventory: assessing the interpersonal context of social support. In B. R. Burleson, T. L. Albrecht & I. G. Sarason (Eds), *Communication of social support: messages, interactions, relationships and community* (pp. 247-266). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Pierce, G. R., Sarason, B. R. & Sarason, I. G. (1990). Integrating social support perspectives: working models, personal relationships, and situational factors. In S. Duck & C. S. Silver (Eds.), *Personal relationships and social support* (pp. 173-189). London: Sage Publications.
- Pierce, G. R., Sarason, I. G. & Sarason, B. R. (1991). General and relationship-based perceptions of social support: are two constructs better than one? *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(6), 1028-1039.
- Pinheiro, M. R. (2003). *Uma época especial: suporte social e vivências académicas na transição e adaptação ao ensino superior*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Pinheiro, M.R. & Ferreira, J.A. (2001). Avaliação do suporte social em contexto de ensino superior. *Actas do V seminário de investigação e intervenção psicológica no ensino superior*. Viana do Castelo: IPVC
- Pinheiro, M. R. & Ferreira, J. A. (2002). O Questionário de Suporte Social: adaptação e validação da versão portuguesa do Social Support Questionnaire (SSQ6). *Psychologica*, 30, 315-333.
- Pinheiro, M. R. & Ferreira, J. A. (2005). A Percepção de suporte social da família e dos amigos como elementos facilitadores de transição para o ensino superior. *Actas do VIII congresso galaico português de psicopedagogia* (pp. 467-485). Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Centro de Investigação em Educação.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3 (18), 547-558.

- Russell, D., Peplau, L. & Cutrona, C. E. (1980). The revised UCLA Loneliness Scale: concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 472-480.
- Russell, D., Peplau, L. & Ferguson, M. (1978). Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment*, 42, 290-294.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R., Shearin, E. N. & Pierce, A. R. (1987). A brief measure of social support: practical and theoretical implications. *Journal of Social and Personal Relationships*, 4, 497-510.
- Sarason, I. G., Levine, H., Basham, R. & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: the social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 127-139.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R. & Shearin, E. N. (1986). Social support as an individual difference variable: its stability, origins and relational aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 845-855.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R., Hacker, T. A. & Basham, R. B. (1985). Concomitants of social support: social skills, physical attractiveness, and gender. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 469-480.
- Sarason, B. R., Sarason, I. G. & Pierce G. R. (1990). *Social support: an interactional view*. New York: John Wiley.
- Weiss, R. S. (1974). The provisions of social relationships. In Z. Rubin (Ed.), *Doing unto others* (pp. 17-26). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Correspondência

Catarina Isabel Carvalho Neves

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra

Praça Heróis do Ultramar – Solum,

3030-329 Coimbra, Portugal

cneves@esec.pt

Maria do Rosário Moura Pinheiro

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Rua do Colégio Novo, Apartado 6153,

3001-802 Coimbra

pinheiro@fpce.uc.pt